



## PESQUISAR, EDUCAR, MILITAR E NARRAR: AÇÕES IMPRESCINDÍVEIS A EDUCADORES CRÍTICOS EM TEMPOS DE PARADOXOS

Tânia Mara Rezende Machado – Ufac  
tania.machado@ufac.com

### Canção Obvia (Paulo Freire)

Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti.

Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. Por isto, enquanto te espero trabalharei os campos e conversarei com os homens.

Suarei meu corpo, que o sol queimará. Minhas mãos ficarão calejadas, meus pés aprenderão o mistério dos caminhos, meus ouvidos ouvirão mais, meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti.

Não te esperarei na pura espera porque o meu tempo de espera é um tempo de quefazer.

Desconfiarei daqueles que virão dizer-me, em voz baixa e precavidos: É perigoso agir. É perigoso falar. É perigoso andar. É perigoso, esperar, na forma em que esperas, porque esses recusam a alegria de tua chegada. Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me, com palavras fáceis, que já chegaste, porque esses, ao anunciar-te ingenuamente, antes te denunciam.

Estarei preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera.

Canção Óbvia Paulo Freire (Brasil 1921-1997) Escrita em Genève, em março de 1971.

Hoje, 25 de janeiro de 2022, na cidade de Rio Branco, capital do Acre, uma mulher negra e pobre deu à luz a uma menina na calçada da maternidade Bárbara Heliodora. Imagens das mídias mostram uma criança nua, ensanguentada, esperneando na calçada sob os olhos da mãe ainda atormentada pelo parto em meio a condições tão desumanas. Enquanto isso, as discussões em torno de verbas para as eleições de 2022 seguem sem filtros ou escrúpulos, e o número de mortos pelo Covid-19 continuam crescendo. Paradoxos! Como os expressos na música “A Novidade” de Gilberto Gil. “Oh! Mundo tão desigual. Tudo é tão desigual. Ô Ô Ô Ô Ô Ô Ô! Oh! De um lado esse carnaval. De outro a fome total. Ô Ô Ô Ô Ô Ô Ô!...”

Em meio a esses paradoxos, chegamos à décima edição da Revista em Favor de Igualdade Racial com uma sensação de conquista, mas também de indagação quanto “o que fazer para tornarmos o mundo menos desigual?”

Dez edições! Um número expressivo para uma revista que começou a ser editada no ano de 2018, graças ao empenho de um coletivo de pesquisadores que não se cansam de lutar por uma sociedade comprometida com a produção científica, mas também com a justiça e a igualdade social.

Nesta edição trazemos onze artigos e um dossiê organizado pelo Fórum Permanente de Educação Étnico-Racial do Estado do Acre (FPEER-AC), esses produzidos em tempos áridos de pandemia, corte de verbas para a ciência e tentativas de sufocamento de utopias. Nesses tempos temos sido salvos pela visão, pela escuta, pela leitura e escrita do mundo e das palavras em seus muitos gritos. Temos preenchido, com a leitura e a escrita, vazios de diálogos presenciais entre alunos e professores, vazios de abraços entre amigos, vazios da partilha de um café com os colegas, vazios dos livros emprestados do amigo, vazios dos alimentos partilhados em família e dos vazios da saudade daqueles que partiram para sempre em função da pandemia do Covid-19.


Utilizamos, principalmente, nossas escritas e nossas narrativas para atravessarmos esses tempos; para vencermos os desafios impostos pelo contexto, para extravasar sentimentos de impotência, ansiedade, luto, medo, revolta, solidão, saudade, alegria e tristeza e evitar a loucura, posto que a fronteira entre esta e a sanidade é bem tênue e precisamos manter a utopia de que vai passar!

Contudo, não preenchamos esses tempos com qualquer escrita ou narrativa posto que, como nos adverte Conceição Evaristo, “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e, sim, para incomodá-los em seus sonos”.

Com o intuito de incomodar os da “casa grande”, um conjunto de autores comprometidos com a igualdade e a justiça social produzem artigos e relatos de experiências, carregadas de singularidades e intencionalidades, para dar visibilidade às questões étnico-raciais que afetam diuturnamente a sociedade brasileira.

São artigos que colocam em questão a importância do estudo da História da África na formação continuada de professores valendo-se da educação à distância. Bem como, despertando a consciência histórica do leitor o levando a pensar/interrogar as relações étnico-raciais no Brasil. Outros, dão a ler a vida e obra de autoras negras como Miriam Alves, que em sua produção crítica sobre a literatura afro-brasileira, mostra-nos que o papel da escritora negra vai além da escrita, ocupando o papel de intérprete e porta-voz dos anseios e sentimentos da maioria anônima dos brasileiros de origem africana, assim como, as *escrevivências* de Conceição Evaristo como “escrita de nós” com potencialidades para expressar saberes que atravessam práticas pessoais e pedagógicas

Em favor de Igualdade Racial.



Na direção dos estudos voltados às memórias, identidades e representações, os leitores encontrarão dois artigos: um deles voltado às histórias e representações das experiências do povo



negro, encontradas no Pavilhão Anexo do Museu Casa do Sertão/UEFS, evidenciando relações com um mapa complexo de rupturas e repetições a respeito de como as histórias e representações do povo negro são cultivadas e dadas a ver em um museu; o outro, destaca a importância histórica e social da comunidade muçulmana do Rio de Janeiro entre os Oitocentos e Novecentos, ‘apagada em sua relevância política e social’ pela nova ordem vigente com a instauração da República Velha e novas concepções identitárias a serem construídas na recém organizada sociedade brasileira, através do ‘branqueamento’ de suas referências como identidade muçulmana futura.

Dois artigos voltam-se à análise do papel dos movimentos sociais nas conquistas relacionadas às questões étnico-raciais. Um deles trata da atuação dos coletivos negros e antirracistas da Universidade Federal Fluminense (UFF) nos conflitos raciais, que envolvem estudantes negros (as), relacionados ao contexto da implementação das ações afirmativas, durante os anos de 2017 a 2019. O outro, discute a relevância dos movimentos sociais para o estabelecimento de políticas públicas de cotas raciais, estas entendidas como recurso fundamental na luta para que as barreiras socioeconômicas impostas à população negra sejam mitigadas através da viabilização e ampliação de sua educação formal. O estudo corrobora para a percepção de que, longe de ser tão somente beneficiária, passiva de políticas de inclusão, a população negra brasileira soube ser agente relevante ou protagonista de sua própria libertação, o que somente foi possível graças às reivindicações políticas, sociais e econômicas em favor destes grupos que ganharam visibilidade em decorrência da importância dos movimentos sociais negros. Esses dois artigos trazem aos leitores evidências empíricas do movimento entre o instituído e aquilo que se pode instituir.

E seguindo no rol das políticas públicas de ações afirmativas contamos com o artigo “Equidade de acesso por meio de ações afirmativas: a importância das cotas para o ingresso no ensino superior”, onde expõe o panorama dessas políticas nas Universidades públicas brasileiras.


Há também artigos que se voltam a discutir questões étnico-raciais, ações afirmativas na relação com a categoria “trabalho”. Em um deles, usando da metáfora “Os cisnes negros e a hierarquização racial” seu autor perscruta o racismo, sua construção social e seus efeitos empíricos para com os cisnes negros (pretos, pretas, pardos e pardas) a partir da formação do mercado de trabalho brasileiro, das relações sociais e da crise humanitária em tempos de Covid-19 e chega à conclusão que o racismo estrutural é produto de ideologias que se propagaram na Europa e se perpetuaram em nosso meio social, desde o período colonial, pela superioridade racial branca. Ideias que, em pleno século XXI, ainda estão vivas. No outro artigo, são postas em questão as ações afirmativas como instrumento para o direito ao acesso à educação e ao mercado de trabalho com destaque para a análise das múltiplas e polêmicas variantes que envolvem a questão.

Além dos artigos que compõem a revista, há também o dossiê do Fórum Permanente de Educação Étnico-Racial do Estado do Acre com um conjunto de narrativas pedagógicas que nos faz colocar em questão se Walter Benjamin (1994) estava certo ao afirmar que a experiência de narrar está em vias de extinção, pois raras são as pessoas que sabem narrar devidamente. Segundo o autor, quando pedimos a alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza; como se estivesse privado da faculdade de intercambiar experiência. Pareceu-nos que os professores estavam ávidos por intercambiar experiências.

Não sabemos como vocês lerão. Nós lemos todas as narrativas como quem conversa com os autores. Depois, nos demos conta que tínhamos uma missão: apresentar as narrativas aos leitores da revista e para isso adotamos a seguinte metodologia: construímos quadros síntese com os nomes dos narradores, função que assumem institucionalmente nas escolas e institutos a que estão vinculados, títulos dos projetos desenvolvidos, objetivos, metodologias e resultados alcançados com cada projeto. Contudo, fizemos esse exercício só para diagnosticar o que os professores do Acre têm produzido sobre as questões étnico-raciais. Foi como fazer andaimes para construções civis, que depois da obra concluída são retirados.

Fomos, então, percebendo que não queríamos tornar o texto carregado de quadros. Tampouco, desejávamos deixar muito evidente quem escreveu sobre cada temática. Antes, nossa intenção foi trazer apenas indícios daquilo que os autores escreveram para que os leitores possam passear pelas páginas do dossiê e analisarem a riqueza das experiências nele relatadas por professoras e professores de todos os níveis de ensino, de creches a escolas de ensino fundamental e médio ao Ensino Superior, gestores e técnicos como: Ana Paula, Andressa, Adriana, Ângela Maria, Ademilton, Alexandra, Danyelle, Edilcilene, Elizangela, Francisca, Glaucimar, José de Arimatéia, Lislane, Suellen, Marcio Luan, Marcos Antônio, Maynara, Pâmela, Queila e Roberto, evidenciando que estes entendem que o nosso tempo não pode ser como nas definições de Paulo Freire “Tempo de espera vã, mas um tempo de que fazer” e se colocam a elaborar, desenvolver e relatar projetos de ensino voltados às questões étnico-raciais e passam a discutir temas muitas vezes negados e silenciados como: A assombrosa herança do racismo velado no Brasil; A relação entre as religiões de matriz africana e o compromisso com as questões étnico-raciais; As múltiplas linguagens e gêneros textuais possíveis de utilização no ensino étnico-racial; O continente Africano, O Mito da Democracia Racial e a Estética da cor negra.

Não nos pareceu faltar capacidade de narrar experiências e escrevivências pedagógicas para o coletivo de professores autores que compõem essa obra, posto que não vivem “um tempo de espera vã, mas um tempo de que fazer” comprometidos com a promoção de igualdade racial.





## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197 a 221.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.